



CORPOS INVISÍVEIS

ALILE DARA ONAWALE, AMANDA LIMA,
ANDREZA DELGADO, DANI FENO e MARIA CLARA ARAÚJO
ilustrações ANA MARIA SENA e IZADORA LUZ CAMPOS

3
CORPO

CORPOS GORDOS

Dani Feno

Eu nunca fui magra; ou melhor: nunca me *senti* magra, o que é mais importante. Sempre fui aquela criança “grande”, que com seis anos vestia roupa tamanho oito; com oito, tamanho dez; e assim por diante. Sempre fui fofinha, gordinha, fortinha, a maior da turma e, na boca dos meninos do prédio, o hino que ficou anos na minha cabeça: “gorda, baleia, saco de areia”. Mesmo que me esforce muito, não consigo lembrar de um momento em que tenha me achado magra. Mas consigo lembrar de diversas vezes em que pensei na necessidade de emagrecer. Era a ambição maior, toda moeda jogada no lago, todo desejo antes de assoprar a vela de aniversário, uma única palavra: emagrecer.

Aí foram anos de dietas, idas e vindas e trocas de endocrinologistas, remédios, academia, exercício físico e lágrimas, muitas lágrimas. Porque não importava o que eu fizesse, eu era sempre a “gorda, baleia, saco de areia”. Fui crescendo e me sentindo cada vez mais inadequada, odiando meu corpo. Odiando tanto que eu não falava para ninguém o quanto odiava, nem para minha mãe, nem para as minhas melhores amigas. Era um sofrimento muito doloroso para ser dito em voz alta.

Porque eu é que estava errada, não é? Porque eu era um monstro, certo? Claro que era. Se eu rodava um shopping inteiro, entrava em todas as lojas e nenhuma calça servia em mim, era eu que estava errada. Se em todos os filmes e seriados que eu tanto amava a protagonista que vivia aquele romance lindo nunca era gorda, era eu que estava errada. Se a cadeira do ônibus, a cadeira do cinema, a carteira da escola nunca me serviam direito, era eu que estava errada. Se todos que mal me conheciam se sentiam no direito de opinar sobre meu corpo — como uma parente distante que me puxou em um Natal pra conversar e disse que eu tinha potencial para ser muito bonita se apenas me esforçasse e fechasse a boca —, era eu que estava errada.

Até que uma revolução aconteceu comigo. Depois de anos de sofrimento, mais uma dieta frustrada e um ano de baixíssima autoestima, entrei nesse mundo maravilhoso chamado *Capitolina* e, com ele, no do feminismo. De repente, comecei a pensar: “E se eu estiver certa? E se o meu corpo, mesmo sendo gordo, for maravilhoso? E se eu puder eu mesma decidir se quero ou não emagrecer? E se eu puder me amar exatamente como eu sou?”. Foi libertador. Com todas essas meninas, com todas as suas histórias e com tudo que eu lia sobre feminismo, comecei a derrubar diversas imposições e desconstruir o “tenho que emagrecer”. Para quê? Para quem? Para as lojas que não tinham meu tamanho? Para as pessoas que se metiam na minha vida? Para o meu futuro namorado imaginário, já que eu nunca viveria um romance sendo gorda? Então eu vi que nenhuma dessas respostas era “para mim”. Eu não queria emagrecer para mim — e se não é para mim, eu não tenho que fazer nada, porque o corpo é meu.

Para o pessoal da saúde de plantão, sim, saúde é importante. Sim, eu vou em um endocrinologista regularmente, faço exames e exercício físico

E SE EU ESTIVER CERTA? E SE O MEU CORPO,
MESMO SENDO GORDO, FOR **maravilhoso?**

e está tudo bem. Mas assim como eu, gorda, faço isso, a pessoa magra também deve fazer. Problemas de saúde não são exclusivos de pessoas gordas. Só que eu vou, sim, tomar meu refrigerante e comer meu chocolate e não vou achar que estou cometendo um crime. Sim, eu sou gorda — e tudo bem. Assim como uso óculos, assim como falo alto e gosto de Harry Potter. Tudo isso faz parte de mim e quer saber de uma coisa? Eu não mudaria nada, porque sou uma pessoa completa; tudo isso faz parte de mim e eu amo cada parte desses cento e poucos quilos de maravilhosidade.

CORPOS NEGROS

Alile Dara Onawale, Amanda Lima e Andreza Delgado

Corpos negros são corpos que incomodam, corpos que resistem, corpos que carregam em si luta e história. Mas onde estão esses corpos? Por que não conseguimos nos sentir minimamente refletidos na mídia, por exemplo? Por que só somos vistos em estatísticas de miséria, desigualdade e encarceramento? Somos a maioria da população brasileira, mas ao ligarmos a televisão, ao abrirmos uma revista ou ao vermos um filme, nossos corpos quase nunca estão, de fato, ali.

Dentro desse processo de invisibilidade, nos sentimos muito sós. Um dos diagnósticos que a exclusão de nossos corpos traz é a solidão da mulher negra. Algo que todas já sofremos na vida, até mesmo antes de entender qualquer questão ou relação social/ racial. Nosso corpo nunca é o bem-visto, muito menos o desejado. Somos animalizadas, objetificadas e hipersexualizadas.

É importante estarmos atentos ao quanto isso influencia a construção de nossa identidade como povo, ao quanto essa exclusão só alimenta diferenças. Nós estamos aqui, queremos ser vistas. Queremos ocupar outros espaços. Queremos nos sentir representadas. Representação é importante: encoraja, fortalece e empodera.

CORPOS TRANS

Maria Clara Araújo

— alar sobre corpos trans é discutir autorreconhecimento, autoidentificação e, principalmente, autonomia. A transgeneridade surge no momento em que reconhecemos ter o direito de construir nossos corpos a partir do nosso próprio entendimento. Ela vem para quebrar designações que buscam colonizar nossos corpos.

Visibilizar o corpo trans é pensar sobre as caixinhas e os rótulos que nos obrigam a suprir as expectativas de terceiros como se não tivéssemos direito a nossa subjetividade. Como se não tivéssemos o direito de nos construir socialmente da forma como desejamos ou achamos coerente.

Somos corpos tornados invisíveis por um sistema que apaga, mas que nunca será capaz de extinguir a chama. ★